

Muito boa tarde.

Não posso deixar de agradecer antes de começar à Associação 25 de Abril, e à organização deste Congresso a oportunidade de pelo menos durante estes 12 minutos, modestamente compartilhar com vocês algumas reflexões que nos ajudem a pensar os próximos 30 anos, pelo menos olhando para os 30 anos que passaram.

O tema que escolhi para aqui trazer é o tema que tenho trabalhado nos últimos 10, 15 anos e julgo que terá sido essa a razão que levou ao convite para aqui estar, tem haver com ensino e formação.

Preparei três interrogações sobre o ensino e formação em Portugal, que não é obviamente um tema que seja particularmente imaginativo. Pelo contrário, falar em Portugal de educação e formação é, diria, uma banalidade. Se alguma característica Portugal tem é possuir cerca de 6 ou 7 milhões de especialistas em educação e formação e é complicado intervir nesta área.

E a ideia é deixar aqui algumas ideias para que pudéssemos reflectir. Assim, passaria não por expor um novo programa para o sector, mas partilhar convosco três interrogações, que imagino que, se forem convenientemente respondidas, nos podem ajudar a resolver alguns dos problemas que estão na base desta situação. Diria de forma um pouco angustiante, em termos portugueses, porque sistematicamente sempre que se faz um diagnóstico sobre a questão de educação e formação, o nosso lugar no *ranking* é pelo menos pouco digno, é qualquer coisa relativamente ao qual julgo que deveremos procurar as raízes. Onde elas estão?

E com a particularidade desta questão da formação e da educação ser claramente consensual em termos políticos; não levanta nenhum problema a ninguém dizer que é uma questão importante. E às vezes tenho mesmo a sensação de que se olha para a questão da educação e da qualificação como um condição necessária e suficiente do desenvolvimento. Portanto eduque-se, forme-se as pessoas e naturalmente o desenvolvimento aparecerá.

Eu julgo que esta natureza, antes de entrar nas questões de consenso mole, que acaba por justificar muitos problemas que nós temos e são muitos, e graves, como todos sabemos. Aquilo que vos propunha era passar um pouco em torno de três tópicos à volta do problema de educação e formação: o problema da estabilidade do sistema, dos objectivos e da coerência da sua organização e isso passaria por encontrar resposta para três questões básicas.

E a primeira provavelmente pode ser formulada Por que razão Portugal teve nos últimos 250 anos mais de 128 responsáveis pela educação, desde ministros e outro tipo de responsáveis? Ou porque teve 96, nas três Repúblicas? A segunda questão que me atrevia a formular-vos, é por que razão nós não sabemos quais foram os resultados com o investimento que Portugal fez nos últimos vinte anos em formação profissional, apenas para dar dois números, nos últimos dez anos Portugal gastou cerca de 9,1 mil milhões de euros, 1,8 mil milhões de contos, o que dá aproximadamente 1% do PIB?

Terceira questão que gostava de colocar, é perguntar por que razão temos em Portugal, no ensino superior público e privado, em 2000 qualquer coisa como 380 mil alunos e nesse mesmo ano tínhamos só 224 mil crianças no ensino pré-primário. Curiosamente neste caso mais privado do que público. E portanto, a partir destas três questões, e endereçando esta questão da

estabilidade, dos objectivos e da coerência, aquilo que vos proponha era reflectir um pouco em volta disto.

Porque os ministros em Portugal em média, e não é uma questão nova, ainda hoje nas intervenções da manhã havia quem se questionasse sobre o problema de uma certa voragem daquilo que já se chama o “1, 2, 3 da 5 de Outubro”. Porque razão os ministros da Educação em Portugal duram tão pouco tempo?

Em média duram pouco mais de um ano. Se pensarmos nas Repúblicas, duram menos de 2 anos. Se pensarmos em 250 anos, num período longo da história portuguesa, desde que há um sistema de ensino, digamos laico, em Portugal, criado por Marquês de Pombal.

E esta é claramente uma questão que é incontornável quando se quer discutir por que razão temos tão maus resultados, ou resultados menos bons, na qualificação dos portugueses. Nenhum sistema, seja qual for, resiste a um clima de perturbação e mudança permanente, até porque infelizmente nós não mudamos de ministro, mas depois há uma certa tendência, uma tentação quase inevitável, para que se deixe uma marca, fazendo uma reforma, pequena, grande, assim-assim.

E nós temos provavelmente mais reformas que ministros, o que de facto é um número incrível, se pensarmos que temos verdadeiramente milhões de actores. Não é um sistema pequeno, não é um sistema fácil. Tem centenas de milhares de alunos, tem mais de 100 mil professores, tem umas dezenas de milhar de funcionários, e tem os pais e encarregados de educação. Um sistema que funciona desta forma, julgo que dificilmente pode produzir bons resultados e dificilmente podemos chegar a ter alguma coisa de expressivo. Se pensarmos no período dos 30 anos que aqui nos trazem, apenas dois ministros cumpriram mandato completo.

O segundo tema, dos objectivos e resultados, dizia-vos há pouco que gastámos por ano em média nos últimos 10 anos, qualquer coisa como 1% do PIB. No entanto a formação profissional em Portugal, formação financiada também pelos nossos impostos, não sabemos responder a duas questões tão básicas quanto estas: quantos portugueses tiveram formação nos últimos 10 anos? Sabemos quantas pessoas foram formandos, a pessoa que esteve numa sala de aula, mas se a pessoa for a 10 acções de formação, se conta por 10.

Nós não sabemos verdadeiramente quantos portugueses passaram verdadeiramente por acções de formação. E muito menos sabemos alguma coisa de verdadeiramente palpável, sobre quais foram os efeitos da formação que receberam, que teve nas suas carreiras, vidas, desempenho.

E esta é uma questão que mais uma vez não pode deixar de nos preocupar. Nós temos uma enorme, uma gigantesca operação de distribuição de recursos. Eu diria que tem sido feito de uma forma diligente e empenhada por quantos nela se tem envolvido. Mas nós não sabemos muita coisa sobre os seus objectivos e quase nada sobre os resultados que se tem obtido.

O objectivo do sistema de ensino não pode ser distribuir diplomas de cursos. E esta é uma segunda questão que é a reflexão apurada sobre este tema que nos obriga forçosamente a encarar. Se quisermos pensar os próximos 30 anos temos que pensar estas duas questões.

E a terceira questão que vos queria trazer, para terminar, tem que ver com esta aparente inversão de lógica no tratamento do sistema de ensino. Nós

temos mais alunos no superior do que no pré-escolar. Isso não é apenas um fenómeno demográfico, não tem que ver com as novas gerações terem cortes de jovens mais pequenas do que as precedem, de facto tem que ver com termos um sistema de ensino desenhado a partir do topo.

E o enfoque, a importância política, a priorização que tem sido sistematicamente dado nas políticas de ensino em Portugal tem sido absolutamente invertido. É prioritário sempre e permanentemente o ensino superior, e os outros sistemas vão perdendo importância à medida que se vão afastando deste topo.

Confesso que tenho algumas suspeitas por que é que isso se passa, mas é claramente uma questão sobre a qual tenho uma imensa dificuldade em entender e devo dizer-vos que esta questão tem a ver com a importância do ensino pré-primário no sucesso e nos resultados escolares dos estudantes. É qualquer coisa hoje razoavelmente assente e pacífica entre os especialistas em educação e é difícil querer compreender que queiramos ter um sistema excelente, um edifício com um tecto excelente que não tem fundações, e cujas paredes estão razoavelmente cheias de buracos. E portanto eu diria que provavelmente esta coerência organizativa do sistema de ensino e formação profissional é um tema imediato.

Eu diria que se quisermos olhar para os 30 anos que aí vêm, provavelmente teremos de quebrar este consenso mole à volta da questão de educação. Estamos todos de acordo que é fácil falarmos aqui de educação, mas a verdade é que na discussão das questões de ensino e formação, estamos a discutir as coisas ao lado ou perdemos muito tempo a pensar as coisas ao lado.